

# aCampAmeNtos e AsSenTaMentOs dO MST:

*Cristiani Bereta da Silva\**

*O MST não deve ser visto como algo novo na história do Brasil; é uma continuidade das lutas históricas do movimento camponês.<sup>1</sup>*

O MST emerge como movimento social na esteira das lutas travadas no campo em diferentes espaços e tempos entre as décadas de 1950 e início da década de 1980. Décadas em que lutas isoladas, mas de grande repercussão, foram duramente travadas no campo. Como exemplos mais próximos podem ser citadas as ocupações da Fazenda Sarandi, em 1962, e das glebas Macali e Brilhante, em 1979, no Rio Grande do Sul. Bem como, ainda em 1979, os conflitos entre arrendatários e grileiros ocorridos na Fazenda Primavera, em Andradina, Oeste de São Paulo.

Contudo, embora estas referências estejam presentes nas histórias produzidas sobre o MST, e também naquelas produzidas pelo próprio Movimento, é importante não nos deixarmos seduzir pela idéia de continuidade dessas lutas. As experiências não podem ser cumulativas, sobrepostas, portanto, não são capazes de indicar linearidades ou evoluções dos desdobramentos políticos, econômicos, sociais diversos que envolvem tempos, espaços, interesses e sujeitos nas questões relativas às disputas pela terra no Brasil. Projetos que buscam localizar a origem empreendem uma busca fracassada, a “origem não existe, ela é sempre já”<sup>2</sup>, pois chegamos sempre a um começo já começado. Michel Foucault lembra que há sempre a possibilidade de recuos serem feitos por caminhos produzidos, escolhidos, obedecendo determinadas ordens e lógicas. Dessa forma, a origem não seria um acontecimento empírico do passado que o inaugura, não é um campo temporal desértico, nem um campo originário, mas sim aquilo que retorna, o retorno daquilo que já começou.<sup>3</sup>

O projeto do MST do final da década de 1990 não deixa de ser, em parte, efeito das propostas de um incipiente MST do início da década de 1980. Mas seu projeto político e social foi tomando outras formas, foi sendo redimensionado. Portanto, ao invés de linearidades o que se tem são caminhos e descaminhos labirínticos e nem sempre claros. Percursos que evidenciam práticas que apontam para uma certa vontade em produzir outras subjetividades, desejos baseados em discursos ideológicos reconstituídos em suas opacidades, datados em tempos e espaços sob insígnias do “novo”: nova sociedade, novas relações econômicas, sociais e afetivas.

Nesse sentido, o presente artigo<sup>4</sup> busca pensar os acampamentos e assentamentos do MST como lugares revestidos de sentidos que descortinam tanto os investimentos do MST em construir o “novo”, territorializar suas lutas e reivindicações, como também de viver e experimentar, viver a luta sob outras perspectivas e dimensões de homens, mulheres e crianças. Tenta-se, assim, trazer parte das narrativas, memórias e discursos que vêm construindo e reconstruindo estes espaços, diferenciando-os, legitimando-os em movimentos de idas e vindas, de continuidades e rupturas.

O exercício de interpretação de como - em diferentes lugares e momentos - determinadas realidades sociais são construídas e vivenciadas, supõe vários caminhos. Trajetos que dizem respeito à organização e apreensão do mundo social de diferentes sujeitos no interior de um grupo. Realidades construídas a partir de experiências, das relações e dos processos de subjetividade nas quais os indivíduos se encontram inseridos. Parte-se, assim, do entendimento de que os depoimentos dos integrantes do MST revelam sua apreensão do mundo social, dos sentidos construídos em torno desse universo e, principalmente, que essas percepções não se constituem “neutras” quando questionadas. Pois, mesmo num relato, as pessoas constroem narrativas sobre si mesmas.

“Quando chegar na terra lembre que tem outros passos para dar...”<sup>5</sup>

Nas comunidades surgiram umas reuniões que o pessoal convocou pra tentar ver se a gente conseguia conquistar um pedaço de terra, daí foi feita esta ocupação (25 de maio de 1985 em Abelardo Luz), o pessoal fazendo reunião com os sem-terra da comunidade. E foi aí que a gente começou a conhecer o Movimento. (Noêmia, casada, entrevista de 02/02/99. Dionísio Cerqueira/SC).

# (re) cONstRuçÕeS, mEmóRiaS e hiStóRiaS

Nos primeiros anos de organização dos sem-terra em Santa Catarina, possivelmente nem todos os homens e mulheres que lutavam pela terra se intitulavam dessa forma. Esta expressão, relativamente recente, só apareceu com a Constituinte de 1946, quando se colocou em pauta pela primeira vez a necessidade de uma reforma agrária no Brasil.<sup>6</sup> Discussão que foi feita, nesse momento, principalmente através do Partido Comunista Brasileiro. Depois, a mesma expressão foi publicizada através do MASTER - Movimento dos Agricultores **Sem Terra** do Rio Grande do Sul, em 1962. Mas só passou a ser usada definitivamente a partir da década de 1970 com as referências da imprensa sobre os conflitos no campo.

Desde então, o trabalho de identificar, e até certa forma constituir homens e mulheres que vivem no campo como sem-terra, tem sido uma prática que possui suas diferenças. No final de 1970 e no decorrer de 1980 esse processo se dava principalmente através dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Igrejas ou até mesmo outros grupos organizados que apoiavam as mobilizações de luta pela terra. Estes grupos distintos realizavam discussões periódicas nas comunidades sobre a situação daqueles que não possuíam terras e depois disso faziam um levantamento das pessoas que estivessem dispostas a realizarem uma “ocupação”. Isto é, que concordassem em ocupar e acampar, literalmente, em alguma área tida como “improdutiva”, como meio de pressionar e agilizar a sua desapropriação. Na segunda metade da década de 1990, com a estruturação do MST em quase todos os Estados brasileiros, esse trabalho passou a ser feito quase que somente através de militantes do Movimento.

Acampamentos e assentamentos são lugares de ações distintas para aqueles que fazem parte do MST. O acampamento é o momento em que as famílias se organizam e passam a ocupar uma área de terra, nem sempre necessariamente improdutivo. Esta prática serve como importante instrumento, visa mesmo chamar a atenção para suas reivindicações e, do mesmo modo, forçar uma determinada desapropriação.

No MST, a maior parte das famílias que passou a fazer parte de ocupações e acampamentos, perdeu suas terras, ou nunca as tiveram. Existem os filhos de pequenos agricultores que, percebendo que a terra de seu pai não será suficiente para que todos produzam satisfatoriamente, juntam-se ao Movimento; existem aqueles que depois de tentarem a vida na cidade retornam ao campo e aqueles também que cansaram de tentar trabalhos que garantissem o suficiente para seu sustento, na cidade ou no campo. De uma forma ou de outra, o MST acaba representando para estas pessoas a possibilidade de melhorar suas vidas. E, evidentemente, também há aqueles que se juntam ao MST visando outras vantagens como arrendar o lote futuramente ou mesmo vendê-lo. No entanto, é bom que se saiba que essa prática além de ser pouco comum é severamente punida.

A fala de Ricardo, morador do assentamento 30 de outubro em Campos Novos, resume um pouco os caminhos dos sujeitos, antes deles se integrem ao MST:

Meu pai tinha 4 hectares de terra, [eu tinha] quatro irmãos, dois homens e duas mulheres que praticamente era suficiente para eles. No início eu comecei a trabalhar de empregado, trabalhava de cobrador de ônibus, depois fui para uma fábrica, só que achei que era pouco e aí eu parti para a ocupação. Em 89, nós partimos junto com mais de 500 famílias para Palma Sola, que foi uma experiência que valeu a pena, se eu tivesse que voltar e fazer tudo de novo eu fazia. (Ricardo, casado. Entrevista de 06/06/1996. Campos Novos/SC).

São processos que implicam em constantes idas e vindas onde uns permanecem “na luta” e outros não. Até mesmo entre aqueles já constituídos como sem-terra há deslocamentos: não só entre os acampados, que podem acampar em diferentes lugares por meses ou anos, mas também entre os assentados que, por diferentes razões, pedem para fazer permutas. As permutas são permitidas na maior parte das vezes. É necessário, contudo que haja outra família disposta a trocar e que a organização do assentamento esteja de acordo.

Segundo as narrativas dos homens e mulheres que passaram por esses caminhos, o acampamento é um tempo de muitas marcas. Tempo em que se deixa tudo para trás em busca do sonho da terra própria, de melhores condições de vida para a família. Lurdes recupera uma parte dessas marcas em sua narrativa:

Na época que nós fizemos a ocupação nós estávamos morando em Campo Erê. Nós estávamos trabalhando na roça, de arrendatário. (...) O Sindicato é que cadastrava os sem-terra do município e daí nós tinha se cadastrado. (Como vocês ficaram sabendo do acampamento?) Mas a gente nem sabia! Uns dizia que nós chegava lá já tinha casa, armazém, tudo, e era muito diferente, imagina... Foi sofrido a primeira ocupação, a gente não sabia de nada, sem organização... nada, bem dizer começamos. Antes de ir pra ocupação nós trabalhava de arrendatário, naquela época nós só tinha a Tânia, só uma menina. Até eu não queria muito ir, tinha medo de nós morrer lá, mas daí enfrentamos. Eu chorava que tá louco... deixamos tudo assim. Nós morávamos com o meu cunhado, nós tinha arrendado uma terra, sabe o que é tu sair de dentro de casa e deixar tudo assim? Nós tinha feito rancho e deixamos lá, fomos só com a roupinha do corpo e mochila com as roupas dentro. Nós ficamos dez meses no acampamento... (Dona Lurdes, casada. Entrevista de 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC).

Na maioria das vezes, os preparativos para uma ocupação ocorrem num ambiente de segredos e apreensões. A fala de Lurdes remete a este momento, já que somente ficou sabendo da data em que iria para o acampamento no próprio dia. Possivelmente seu marido sabia de mais detalhes, pois se reunia freqüentemente com outros companheiros e com os sindicalistas da região. Essa circunstância não deixa de informar também lugares e posições de gênero nesse momento, pois apenas os homens em suas reuniões políticas é que ficavam sabendo primeiro, da hora, dia e o local em que se daria a ocupação. Geralmente, somente com a proximidade da data pediam às mulheres para arrumarem “as coisas” necessárias para levarem para o acampamento. Se Lurdes estivesse totalmente a par dos preparativos para a ocupação, talvez pudesse ter se preparado melhor e quem sabe nem tivesse feito o “rancho” (as compras do mês).

É possível que “os segredos” detidos pelos homens nesse momento remetam a reconstrução de uma noção bastante forte e sedimentada: a de que as mulheres falam “demais”, não guardam segredos. Portanto, os segredos importantes não devem ser revelados a elas. Contudo, a despeito dos questionamentos sobre os motivos que fazem com que as mulheres sejam, na maioria das vezes, as últimas a saberem do local da ocupação, o que se sabe ao certo é que o local que será ocupado não é revelado com antecedência, para evitar grandes confrontos no ato da ocupação. É preciso ter presente que não se trata de um cuidado baseado em referências abstratas ou metafóricas. Tratam-se muitas vezes de confrontos violentos que deixam marcas profundas na história de homens e mulheres que fazem parte do MST.

Em agosto de 1995, na cidade de Corumbiara/RO, um confronto com a polícia resultou na morte de 09 trabalhadores rurais, 03 policiais, deixando em torno de 50 feridos. Em Eldorado do Carajás/PA, no dia 17 de abril de 1996, 19 sem-terras foram mortos e dezenas ficaram feridos. Confrontos, como os ocorridos em Corumbiara e em Eldorado do Carajás, são dois dos mais trágicos incidentes envolvendo os integrantes do MST e, portanto, mais conhecidos, não obstante, muitos outros foram e continuam sendo travados por todo o país.

No dia marcado para a ocupação, centenas de famílias são reunidas para partirem todas juntas para o local previamente estabelecido. Vão como podem, enchem caminhões, carros, carroças, vão a cavalo, vão a pé. Levam neste dia só o estritamente necessário para montar o acampamento. Os mais privilegiados, posteriormente, trazem mais algumas coisas que deixaram para trás, como alguns móveis, por exemplo. Porém o mais comum é encontrar os barracos apenas com um fogão à lenha improvisado, alguns bancos, uma pequena mesa, uma ou duas camas que servem também para “guardarem” durante o dia suas roupas de cama. As roupas tanto podem ficar em armários, meio tortos da viagem e da acomodação em solo irregular ou em prateleiras toscas ou ainda, em caixas de papelão.

Quando chegam ao local, uma das primeiras coisas a fazer é começar a limpar a área para fixar os barracos de lona preta, moradia por um tempo incerto. No Sul e Sudeste, a lona preta é o material mais utilizado, mas nas regiões Norte e Nordeste é possível encontrar acampamentos com casas feitas de estacas e tetos cobertos de palha, materiais mais apropriados ao clima quente.

*Na organização do acampamento, com as localizações dos barracos e tudo mais, já há a preocupação de deixar um lugar reservado - espaço que será delimitado por bandeiras e outros símbolos do Movimento - para as assembleias diárias ou extraordinárias. No acampamento Oziel Alves Pereira<sup>7</sup>, em Abelardo Luz, a disposição das moradias das 900 famílias foi feita em torno de uma espécie de palanque, espaço carregado de significados, onde se faz de tudo: de missas a assembleias e, principalmente, a prática da mística, tão importante à produção de subjetividades no interior do Movimento. Entre as narrativas sobre o acampamento os homens e mulheres falam do número quase diário de assembleias, era quase todo dia, qualquer coisa que acontecia já se convocava o pessoal. (Dona Lurdes, entrevista já citada).*

A organização do acampamento exige o atendimento imediato de algumas necessidades básicas que dependem do próprio grupo, independente das respostas às reivindicações que começam a fazer junto aos organismos públicos. O que fazer com as crianças; como organizar a alimentação das famílias; como garantir a segurança interna e externa; onde e como buscar solidariedade; quem vai negociar com o INCRA, governo, latifundiários. Estas são questões que fazem parte do conjunto das preocupações iniciais que se dão logo após a ocupação e determinam a primeira divisão de tarefas entre acampados. Divisão que traz à tona as relações hierárquicas nas quais vivem. Cabe, por exemplo, às lideranças regionais, que em sua maioria já estão assentadas, negociar nas instâncias maiores. As lideranças em processo de formação - aquelas que se destacaram no processo que envolveu a organização da ocupação em sua região, muitas vezes ex-sindicalistas -, acampados no local, organizam as questões mais internas: como quem faz o que e quando, em relação à limpeza, organização de uma horta comunitária, horário de aula das crianças, recebimento de visitas, etc.

Seguindo as normas - inscritas em seus manuais e outros discursos - o dia num acampamento deve iniciar com a reunião das várias “Comissões” - divididas em: Saúde, Alimentação, Educação, Higiene, Segurança, Produção e Finanças - seguida pela reunião dos líderes dos núcleos. Cada núcleo é composto por um número de famílias que vai depender do acampamento ou assentamento, geralmente de 10 a 15 famílias. E cada núcleo possui uma liderança. Assim, cada líder reúne as famílias do grupo que coordena, informando e discutindo as questões do acampamento, incluindo a distribuição de tarefas. Quando necessário, é convocada também uma assembleia, da qual até mesmo as crianças são incentivadas a participarem, montando suas próprias comissões.

A partir de algumas falas e também de observações é possível afirmar que, num primeiro olhar, os acampamentos são realmente organizados e procuram seguir as determinações impostas através dos rígidos códigos disciplinares. Mas é claro que buscando olhar através deste plano tão liso, percebe-se que uma organização tão “arrumadinha”, pode ocultar pequenas elevações, dobras, fissuras. Pois são dezenas de homens e mulheres, crianças, alguns poucos solteiros e solteiras (as solteiras em número muito menor), vindos de lugares diferentes, com experiências de vida diversas, com suas vontades e interesses próprios, que passam a viver todos juntos, sob limites e regras comuns, e sob, principalmente, outras responsabilidades e possibilidades de vida.

São momentos de sofrimento, de escassez brutal, pois um acampamento não produz alimentos; alguns conseguem trabalho temporário em alguma terra próxima ou na cidade, mas em geral o acampamento depende de doações de assentamentos, de organismos públicos ou outras organizações não governamentais. Geralmente a água não é própria para tomar, as roupas têm que ser lavadas no riacho mais próximo, que normalmente não é tão próximo assim, o “banheiro” é longe (Um buraco cavado no chão e protegido por uma espécie de “casinha” de madeira). E banho quente no acampamento só aquele esquentado em chaleira e tomado em bacia com ajuda de uma caneca para tirar o sabão. No inverno rigoroso do Sul, os acampados, sobretudo crianças e idosos, sofrem muito com o frio e a umidade nos barracos.

Deus do céu, muitas vezes tu acordar com um peso na cabeça e sabendo que era uma bola de água que caía da lona em cima, foi muito sofrido, Deus o livre! E o sereno da madrugada que era gotas de água no corpo quente que chegava a levantar um bafo assim do corpo debaixo das cobertas da gente deitado. Mas hoje a gente até fica feliz, os parentes todos assentados, apesar de todo o sofrimento que a gente teve foi bom (Eliane, casada, três filhos, entrevista de 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC).

O chimarrão e o fogão à lenha são os atenuantes do frio, mas nos acampamentos o fogão à lenha improvisado dentro do barraco além de ser insuficiente para aquecer a família tem o inconveniente da fumaça que paira no ar, cobrindo tudo com forte cheiro e fuligem. O aparelho respiratório e os olhos sofrem com a fumaça, ardem e lacrimejam, mesmo daqueles que se dizem acostumados.

Em junho de 1998, quando estive no acampamento Oziel Alves Pereira observei o que antes só imaginava através das falas. Vi muitas crianças e também adultos sofrendo com doenças respiratórias e com as lidas duras do cotidiano do acampamento. Mas os homens e mulheres, de modo geral, procuraram se mostrar orgulhosos de fazerem parte da luta. Depositam no MST seus sonhos de uma vida melhor.

No acampamento Oziel Alves Pereira percebi também diferenças nos barracos e na comida que cada um tinha a oferecer. Passei o dia com a família de Ana, que me recebeu com honras de visita importante e fez seu melhor almoço: feijão e batatas com poucos pedaços de toucinho, tudo temperado apenas com sal. Ambos os pratos, preparados em panelas pequenas, foram divididos entre a família, o casal, dois filhos e eu. Ana reclamou do feijão que já estava bastante velho e duro, e queixou-se também que quase nunca comiam carne. Perguntei sobre a divisão de alimentos e ela contou que feijão, mesmo velho, sempre era distribuído entre as famílias acampadas, os outros eram mais escassos.

Falou de algumas vizinhas que tinham galinha, e por isso, tinham ovos também, mas ela não possuía nada. Nesse acampamento havia uma “bodega”, espécie de armazém com alguns produtos, como óleo, sabão, cigarro, alguns doces e nenhuma bebida alcoólica. No entanto, poucos tinham dinheiro para comprar as coisas que faltavam. Só mesmo aqueles que conseguiam algum trabalho temporário fora ou recebiam ajuda de parentes. Isso explica a diferença de alguns barracos, ou seja, alguns são melhores “equipados” que outros: com mesa e cadeiras, entre outras coisas. Lembro-me que havia um barraco com televisão à bateria e tudo.

Portanto, se são momentos de solidariedade, são também de pequenas disputas. Alguns têm galinhas, recebem auxílio de parentes, outros não. Alguns homens trabalham na região, outros não. Uns são descendentes de italianos, “polacos”, outros caboclos, poucos negros. Alguns grupos dentro do próprio acampamento se entendem melhor, outros nem tanto. Uns se acham mais conscientes, melhores militantes. Outros ainda não atribuem significados políticos e ideológicos, nem mesmo revolucionários de estarem ali, debaixo da lona, sofrendo, pois só esperam mesmo seu “pedaço de chão”. E é sob um plano enrugado e não liso que se dá o convívio nos acampamentos, entre disputas, entre relações de poder, entre sentimentos nobres e também mesquinhos.

Mas nesse processo rizomático, em meio à disciplina, aos momentos de tensão social acontecem também as trocas, as solidariedades. A farinha de milho é trocada pelo arroz, um pouco de óleo é trocado por uma barra de sabão que por sua vez vale, numa troca, dois ou até três ovos. Situações que favorecem o redimensionamento das perspectivas de vida, de mundo. Hábitos que acabam produzindo, de modos distintos e não do mesmo jeito, outras formas de ser e agir dos homens e mulheres. E talvez seja por isso que, nesse momento, as diferenças, por vezes, pareçam atenuadas ou ocultadas pelas necessidades mais prementes: comer, se proteger, lutar. As hierarquias estão presentes e são vivenciadas, mas as dimensões das mesmas são (re) negociadas.

*Num acampamento o tempo de esperar às vezes é cruel, no fim nós já estávamos desanimados, já quase não se cantava mais... (Lurdes, entrevista já citada). Mas mesmo em meio ao desânimo, existe sempre a esperança de que, cedo ou tarde, a ocupação resultará numa desapropriação, numa área destinada para fins da Reforma Agrária. E foi isso que aconteceu para grande parte das 60 famílias que hoje compõem o assentamento Conquista na Fronteira, Dionísio Cerqueira, e as 84 que formam o assentamento 30 de outubro, Campos Novos. Não obstante, ainda hoje, somente em Santa Catarina, existem centenas de famílias acampadas esperando esta oportunidade. Quando isto acontece, algumas famílias, escolhidas segundo critérios já definidos anteriormente, passam então à condição de “assentadas.”*

Esses critérios variam um pouco, dependendo do acordo estabelecido entre INCRA e MST. Todos devem estar cadastrados no INCRA, e o que normalmente acontece é o assentamento daquelas famílias que estão há mais tempo acampadas, variando em algumas situações, questões como idade e número de filhos. Os solteiros também podem ser assentados. No entanto é pouco comum, sendo ainda menos comum encontrar mulheres solteiras.

O “tempo de acampado” também é o tempo em que as primeiras discussões políticas mais específicas das propostas do Movimento são travadas. E, nesse processo, o que se observa é que mesmo que as exigências do MST sobre seus integrantes acampados sejam feitas de maneira diferenciada daquelas feitas aos assentados, os valores e noções que circulam como modelos de comportamento e ação do MST passam a ser trabalhados entre homens e mulheres pelas lideranças de maneiras distintas.

A partir de sua pesquisa, sobre os vários assentamentos distribuídos em Santa Catarina, Vendramini observou que as diferenças entre os sujeitos que integram o MST - quando acampados - acabam diluindo-se em meio aos interesses e vontades comuns em busca da terra. No entanto, quando assentados, a *diferenciação social reaparece ou é constituída em formas novas, fazendo com que surjam novos problemas e impasses à organização das famílias.*<sup>8</sup>

Para Lechat, em seus estudos sobre dois assentamentos no Rio Grande do Sul, o viver e o produzir coletivamente são processos que encerram, em si mesmos, muitos conflitos, pois o novo tipo de relações sociais que se forja nessas associações é objeto de conflitos e de discussões permanentes. Segundo suas considerações, *novas relações de poder estão em formação, bem como a resistência a elas. (...) Neste jogo de poder, as diferenças tradicionais de gênero, idade e origem étnica estão também presentes e são constante e inconscientemente manipuladas o que resulta numa distribuição desigual de poder.*<sup>9</sup>

No período em que ficam acampados, as necessidades, as preocupações são outras. O acampamento é um espaço onde se privilegiam ações para que as famílias sejam assentadas o mais rápido possível, e nesse processo, a perspectiva da discussão sobre a construção do “homem novo”, de uma “nova sociedade” acaba se tornando menos “urgente” ou importante. Tânia dá pistas sobre estas questões:

Na verdade começou quando nós estávamos no acampamento, em 87, 89... até que tu foi vendo a proposta e tudo, como era o funcionamento, porque na verdade tinha gente que queria o individual, daí a gente começou a fazer tudo no acampamento, ver a melhor forma, se era o coletivo. Fomos nos aprofundando nas discussões, quando não tinha trabalho, quando chovia, nos sábados, nós sentava pra discutir e estudar, daí que fomos entendendo e a partir que nós viemos aqui para o assentamento cada vez mais. Quando chegamos aqui, em 89, teve 25 dias de curso de formação, sobre a unificação, a cooperativa. Naquela época ainda não tinha começado a Cooperativa... Cada dia a gente via mais o que era o Movimento, tudo foi mudando... (Entrevista de 03/02/99, Dionísio Cerqueira/SC).

É importante lembrar que, desde os primeiros dias nos acampamentos, certamente já existe todo um conjunto de normas e disciplinas que os integrantes precisam seguir. A prática da mística marca forte presença nos acampamentos, talvez até mais do que nos assentamentos. O próprio cotidiano dos homens, mulheres e crianças num acampamento pressupõe subjetividades que constroem o sujeito sem-terra.

A ocupação de terras feita pelos homens e mulheres sem-terra é produzida como uma prática de resistência. Uma prática que em suas narrativas, escritas ou faladas, reveste-se de significados e sentidos. Politicamente, foi a forma encontrada pelo MST, enquanto uma organização que possui táticas e estratégias, que melhor chama a atenção para si, para suas reivindicações, pressiona o Governo e ainda dá visibilidade aos outros setores da sociedade para as questões que envolvem as lutas e embates pela terra no Brasil.

Mas não é só no interior do MST que o militante sem-terra é constituído como um sujeito de resistência, diferentes trabalhos acabam relacionando, tanto as ações dos acampamentos como a dos assentamentos, como sendo possibilidades de se perceber resistências. No entanto, pensando sobre as narrativas e documentos que constituem o MST, parece não haver uma relação explícita que justifique esta associação. As análises de Iria Zanoni Gomes apontam para o fato de que não há uma relação imediata em ser sem-terra e resistência. Isso porque, embora a perda da terra signifique perder as condições de sobrevivência, nem todos lutam da mesma forma para reaver o perdido. Além disso, mesmo que um número significativo de homens e mulheres passe a fazer parte da luta, há que se pensar no número de sujeitos que aceitaram a expropriação e, com ela, a proletarização ou a miséria absoluta. Alguns vêem o Movimento com certa cautela; outros procuram ajuda com os poderes locais – prefeito, Igreja etc; outros se aproximam quando alguma conquista se efetiva, enquanto outros abandonam a luta se não percebem vantagens imediatas.

Também não é o assentamento o lugar dessa resistência, pelo menos, não aquela que se tenta construir. Embora a direção do Movimento tente estabelecer regras e normas de como produzir, se organizar etc, a reconstrução da vida não se dá a partir de caminhos pré-determinados: o cotidiano do assentamento é feito de rupturas, bifurcações, não linearidade, continuidades/descontinuidades, tempos diferentes. As diferenças e a heterogeneidade marcam o ritmo da construção da luta e da organização da vida no assentamento.<sup>10</sup>

Na construção da luta e no assentamento a resistência está presente sem excluir situações de sujeição, ou seja, quem resiste também se submete. Mas são situações imprevisíveis, provisórias que permitem a emergência de subjetividades singulares, de práticas que investem na construção de novas possibilidades de vida, de novas relações. Faz-se necessário, portanto, pensar acampamentos e assentamentos como sendo lugares dessas possibilidades de resistência, mas tomando o cuidado para não lhes atribuir um lugar fixo, com caminhos lineares ou pré-determinados.

Se em meados de 1980 a ocupação era a principal estratégia do Movimento e alvo de seus investimentos, a partir de 1986 são os assentamentos que passam à ordem do dia. Algumas falas e publicações destacam claramente que a ocupação deixava, nesse momento, de ser o principal objetivo do Movimento. O lema “Ocupação é a única solução”, palavra de ordem no Primeiro Congresso Nacional em 1985, cederia lugar a outras estratégias. Mudanças, em parte, decorrentes de deslocamentos e aprofundamento de idéias no processo de construção do projeto político do Movimento. Mas na prática, o número de assentamentos que havia aumentado significativamente, principalmente a partir de 1986 e início da década de 1990, foi decisivo para estas mudanças. Os assentamentos em formação passaram a ser os lugares por excelência das teorias e práticas que substanciaram a construção de preocupações em torno da produção cooperativa, do fazer coletivo e dos/das militantes engajados/as na construção de transformações sociais.

As categorias assentamento e assentado são historicamente datadas e formuladas, a princípio, pelo Estado. Foi a partir de 1980 que iniciaram, no Brasil, os estudos que tinham por objeto os assentamentos rurais. Contudo, é possível dizer que o termo foi herdado do vocabulário jurídico e sociológico no contexto da reforma agrária venezuelana a partir de 1960.<sup>11</sup> De maneira geral, os assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais, visando o reordenamento do uso da terra. Ou seja, o assentamento rural é o estabelecimento, pelo governo federal ou estadual, de grupos de famílias que necessitam de terra para viver da agricultura, numa área desapropriada para esse fim específico que, em geral, no Brasil, tem se viabilizado nos últimos anos por pressão do MST.

espaço à luta por créditos, custos dos insumos, preços e acesso a mecanismos institucionais, entre outras coisas. Além disso, os assentamentos tornam-se espaços estratégicos que possibilitam a articulação de outras ações em busca de novas conquistas, e também, de certa forma, é a produção dos assentamentos que contribuem substancialmente para viabilizar economicamente o próprio MST. Isto porque uma porcentagem da produção anual de cada assentamento é destinada ao Movimento estadual e nacional.<sup>12</sup>

No assentamento, assim como no acampamento, a necessidade de organizar os núcleos e de escolher as lideranças dos mesmos também está presente, momento que também se define o grupo que vai coordenar o assentamento. Há a indicação de se criar um grupo de mulheres e um grupo de jovens para se discutir questões específicas dentro da comunidade em questão. Combinar quando e como serão as assembléias, e, em que lugar e quando as informações serão passadas para a organização do MST. Na mesma ocasião define-se também quem será o responsável pela circulação do *Jornal Sem Terra* e outras publicações entre as famílias.

Entram aí também discussões de como serão estabelecidas as relações com os vizinhos, com as igrejas, sindicatos, rádios, prefeituras, partidos. Relações com a comunidade em geral e finalmente como será feito o trabalho político-ideológico dentro do assentamento. Como serão organizados os cursos de formação das lideranças, formação para todos os assentados e capacitação técnica. Como será a aparência do assentamento para evidenciar o lado bonito da reforma agrária, ou seja, as casas devem ser limpas, bonitas, ter jardim, pomar. Define-se quais serão as datas festivas do assentamento e como devem ser celebradas. Todos esses elementos estão presentes em vários números dos “Cadernos de Formação” do MST e situam fronteiras entre acampamentos e assentamentos, assim como faz Noêmia, informando e constituindo diferenças entre estes espaços: *Mais que começou a discussão foi a partir do assentamento, porque daí tu já começa a implementar na prática mesmo, no acampamento tu é mais teoria...*

Nos assentamentos há um trabalho específico acerca da formação dos núcleos e sobre as relações entre as famílias. Em Santa Catarina, a direção estadual se preocupou em trabalhar estas questões mais especificamente. O *Caderno do Núcleo n.º 1* encontrado na casa de uma família residente no assentamento “Conquista na Fronteira” traz que *não basta marchar em fileiras, vir para o Movimento. É preciso se sentir Movimento, “Eu sou Movimento”. É preciso atenção, dedicação, envolvimento, empenho, compromisso de todos os companheiros e companheiras que acreditam que a vitória pertence a nós, trabalhadores e trabalhadoras.* Numa ilustração no centro da página, existem alguns homens e mulheres de mãos dadas falando sobre a importância de organizar as famílias assentadas por núcleos: *para estarmos organizados, temos que estar vinculados uns aos outros. Por isso, as famílias dos assentados precisam se encontrar, se ajudar, se visitar. Também é importante que desenvolvam alguma forma de cooperação.*<sup>13</sup>

Assim como no acampamento, no assentamento cada núcleo é organizado em função da proximidade das famílias, o número é flexível, no assentamento podem ser 5, 8 ou 10 famílias, desde que morem perto. Os núcleos escolhem uma pessoa para organizar suas

reuniões. Essa espécie de coordenador é responsável por lembrar às famílias da data e o local dos encontros; preparar o material de estudo e também outros temas que precisam ser discutidos e depois fica, ainda, encarregada de levar o que foi discutido ou decidido para a coordenação geral do assentamento.

Todos os encaminhamentos e sugestões de organização de um assentamento são dados no sentido de construir o ambiente idealizado em suas publicações, um lugar harmônico, coletivo, bonito, de novos sujeitos, relações, com as famílias cooperando entre si, unidas na construção de uma nova sociedade. Contudo, a formação de um assentamento apesar de todos os critérios listados e repetidos, muitas vezes não ocorre desse modo. Mesmo que muitos persigam a organicidade e os critérios propostos, são caminhos que se fazem por si mesmos e que pressupõem trocas, disputas, hierarquias em seus avanços e recuos cotidianos. O próprio MST chama a atenção para estas bifurcações nos assentamentos:

Quando éramos famílias sem-terra, lá nos municípios de origem ou nos acampamentos, nosso sonho era termos a terra, a casa, a vaca de leite, a energia elétrica e tantas outras coisas. Hoje, já assentados, temos tudo isso. Mas temos que dar atenção a algumas outras coisas que são importantes para que tenhamos uma qualidade de vida melhor e para que não nos percamos de nossos objetivos de luta. O assentamento deve ser o lugar bom de se viver. Esse ambiente somos nós que temos que construir no dia-a-dia. No entanto, nosso assentamentos têm sido palco de brigas, de intrigas, de fofocas. E não foi esse o nosso sonho. Quando estávamos nos acampamentos era um por todos, e todos por um. Existia uma grande ajuda, muito bonita e fraterna. Quem de nós não tem saudade deste tempo de união? Companheirada, nós podemos construir tudo de novo. Depende de nós recuperarmos esta relação fraterna, companheira e trazer para os assentamentos. É aqui nos assentamentos que queremos viver, lutamos por isso. Aqui criamos e educamos nossos filhos. Por isso é importante este trabalho para que os assentamentos sejam cada vez melhores para se viver.<sup>14</sup>

As construções e reconstruções de um assentamento, as formas como são conduzidas suas estratégias de organização, tanto da produção como de outros setores, desvelam níveis diferenciados do devir MST. No interior de acampamentos e assentamentos, homens e mulheres se vêem envolvidos na busca da construção do “novo”, proposto pelo MST. Contudo, entre idas e vindas, percorrendo caminhos distintos acabam encontrando outras formas de viver esse “novo” no cotidiano. E embora a preocupação com a luta pela terra e com a produção seja constante nas linhas ideológicas do MST, outras preocupações e efeitos emergem em seu dia-a-dia. Como por exemplo, o comportamento de cada integrante do Movimento, os papéis atribuídos a homens e mulheres, a (re) produção de suas experiências através de discursos, leituras, canções, e a maneira pela qual os sujeitos relacionam-se com estas práticas disciplinadoras, suas formas de escapar a elas, problemas, contradições.

Ao invés de descortinar o “novo”, muitas vezes, os caminhos ou descaminhos dessas buscas e investimentos, desvelam diferenças, acentuam antigas e históricas construções de valores. Diferenças que, (re) produzidas nos assentamentos, têm uma outra dimensão daquelas vividas nos acampamentos, onde, como já foi colocado acima, as diferenças sociais e de poder - e entre estas, as de gênero - eram atenuadas pela necessidade premente da coesão do Movimento. Os assentamentos acabaram convertendo-se em espaços onde outras lutas são travadas, para além daquelas pela terra...

#### Notas

\* Professora Doutora do Departamento de História – UDESC.

<sup>1</sup> MST. *Caderno de Formação para os Núcleos*. 1996, p.13.

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>4</sup> Este artigo é recorte do segundo capítulo da Tese de Doutorado intitulada: *Fissuras na construção do “novo homem” e da “nova mulher.” Relações de gênero e subjetividades no devir MST*, defendida em fevereiro de 2003 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

<sup>5</sup> BOGO, Ademar. *Quando chegar na terra*. Arte em Movimento . Disco compacto do MST, 1997.

<sup>6</sup> Sobre esse assunto ver MEDEIROS, Leonilde. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989 e também MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

<sup>7</sup> Em 08 de junho de 1997, cerca de quatro mil homens e mulheres sem-terra transformaram a Fazenda Dissenha numa das maiores ocupações de terra em Santa Catarina. Pouco tempo depois, as 900 famílias do lugar dariam ao acampamento o nome de “Oziel Alves Pereira”. Contudo, a Fazenda não foi desapropriada e o acampamento se desfez. Parte das 900 famílias que estavam acampadas no local foi assentada nos assentamentos de Nova Aurora e João Batista e outra parte foi deslocada para o acampamento 1º de maio, todos em Abelardo Luz.

<sup>8</sup> VENDRAMINI, Célia Regina. *Consciência de classe e experiências sócio-educativas do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra*. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos/SP: UFSCAR, junho de 1997, p.114.

<sup>9</sup> LECHAT, Noëlle Marie Paule. *A questão de gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST: estudo de dois assentamentos no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, UNICAMP, 1993, p.159.

<sup>10</sup> GOMES, Iria Zanoni. *A recriação da vida como obra de arte: no assentamento, a desconstrução/reconstrução da subjetividade*. São Paulo, USP. Tese (Doutorado em Sociologia). 1995, p.17-18.

<sup>11</sup> MEDEIROS, Leonilde [et al.]. *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

<sup>12</sup> MST. *Normas Gerais do MST*. São Paulo: Coordenação Nacional, setembro de 1989. No capítulo XI, que dispõe sobre as normas gerais dos assentamentos, os artigos 87 a 94 tratam sobre este assunto.

<sup>13</sup> MST. O que é o núcleo? Reforma Agrária, valores e embelezamento. *Caderno do Núcleo n.º 01*, 1999, p. 4.

<sup>14</sup> Idem, p.13.